

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS



Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Educação, Corpo e Alteridade nas Infâncias: um relato de experiência sobre autoestima e valorização das diferenças

Ana Caroline Aureliano Santos¹

Danielle Tudes Pereira Silva²

Resumo: O presente texto constitui relato de experiência desenvolvido em 2025 no âmbito do projeto de extensão *Estudos Coletivos entre Mulheres: sobre corpos/corpus femininos*, cuja interface com o ensino se materializou na atuação em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). A proposta debate as formas pelas quais marcadores sociais como gênero, raça, classe, através de padrões estéticos, atravessam a construção da corporeidade na infância. A experiência emergiu da observação de manifestações recorrentes de insatisfação corporal e de reprodução de hierarquizações estéticas entre estudantes de 8 e 9 anos. A partir desse diagnóstico, foram desenvolvidas práticas pedagógicas fundamentadas na educação para a diversidade e na valorização das diferenças, articulando leitura literária, diálogo coletivo e produção escrita. A obra *Nosso corpo é demais!*, de Tyler Feder, foi mobilizada como uma das propostas, adotada enquanto dispositivo formativo para tensionar padrões normativos de beleza e promover reflexões acerca do respeito às múltiplas expressões corporais, culminando em uma proposta de produção escrita. O relato evidencia que a abordagem interseccional, incorporada ao currículo por meio de práticas intencionais, contribui para a formação de sujeitos mais conscientes das desigualdades que atravessam os corpos e mais comprometidos com o respeito e o bem-estar coletivo. Defende-se, assim, que a formação docente crítica e o currículo escolar sensível às diferenças constituem dimensões fundamentais para a construção de uma educação comprometida com a justiça social.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Formação Docente; Relações de Gênero; Infâncias.

INTRODUÇÃO

A experiência em sala de aula nos anos iniciais do ensino fundamental é extremamente agregadora para a formação inicial de professores. Através do contato com os estudantes, é possível perceber a forma como estabelecem relações, aprendem a se comunicar e a expressar

¹Graduanda do curso de História, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, campus Maracanã. Pesquisa sobre Relações raciais, Alfabetização Literária, Literatura feminina/feminista, Interseccionalidade e Decolonialidade. anacarolineaurelianosantos@gmail.com

² Professora de Ensino Básico, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, campus CAp-UERJ. Pesquisa sobre Relações raciais, Alfabetização Literária, Literatura feminina/feminista, Interseccionalidade e Decolonialidade. danitudes@hotmail.com

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS



Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



seus sentimentos, além de como enxergam a si próprios. O contato com as dinâmicas da sala de aula possibilita analisar o desenvolvimento pessoal e coletivo das crianças observadas. O convívio diário evidencia a ação consciente ancorada na reflexão, ou seja, a práxis. No chão da escola é possível evidenciar os arcabouços teóricos que instrumentalizam a relação com os desafios da realidade escolar.

A partir das observações e interações realizadas ao longo de meses em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, foi possível identificar que os estudantes frequentemente estabeleciam comparações relacionadas à aparência física, muitas vezes de maneira negativa, o que resultava na recorrência de comentários ofensivos entre eles. Em suas relações, destacavam-se a exclusão das meninas nos jogos de futebol, pois seus corpos eram considerados, pelos meninos, como menos competentes para o esporte; a exposição dos corpos de crianças gordas com a adoção de apelidos ofensivos e o uso de termos racistas para qualificar os corpos de crianças negras. Tais ocorrências se davam sobretudo nos intervalos, momentos em que interagiam de maneira mais autônoma nos espaços externos, como pátio, refeitório e outros.

Diante disso, através da escuta e atuação sensível da bolsista da extensão **Estudos Coletivos entre Mulheres: sobre corpos/corpus femininos** e a orientação da coordenadora do projeto, que também é uma das professoras regentes da turma, foi construída uma proposta de debate com as crianças ancorada na literatura e nos estudos em curso dos referenciais citados nesse texto.

A escuta do que os estudantes expressavam em suas relações ocorreu baseada na tentativa de compreender o que atravessava suas falas e comportamentos, ou seja, não foi animada por propósitos punitivistas, mas com a intenção de acolher suas leituras de mundo e como elas subsidiavam suas posturas frente aos desafios da convivência coletiva. Concordamos com Freire, ao afirmar que

Respeitar a leitura de mundo do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando. É a maneira correta que tem o educador de, *com* o educando e não *sobre* ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo. (FREIRE, 2016, p. 120)

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido



Desse modo, percebemos a urgência de abordar com os estudantes a importância do respeito e valorização da pluralidade, buscando fortalecer a admiração por seus corpos e dos demais colegas, fazendo-os entender que há beleza no semelhante e no diferente. Ao incentivarmos essa valorização de si, buscamos contribuir para a formação do amor-próprio nos estudantes e para a construção de relações mútuas de respeito entre eles.

Observamos que havia também a necessidade de acolher os sentimentos que os estudantes expressavam, pois demonstravam muita angústia, frustração, tristeza e revolta após os episódios. Desse modo, assumimos a necessidade da amorosidade na relação, trazendo o amor como uma categoria importante nesse debate, ou seja, o amor como uma categoria ética, política e epistemológica, central para a prática educativa crítica.

No âmbito da pedagogia freiriana, o amor não é compreendido como sentimento individual ou sentimentalismo abstrato, mas como uma postura ética comprometida com a dignidade humana e com a transformação das estruturas de opressão. Amar é assumir uma posição política em favor da humanização do mundo e do outro. É um compromisso baseado na alteridade, pois assume uma dimensão radicalmente política ao exigir engajamento na construção de relações sociais mais justas, pois “sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e não possa verificar-se na relação de dominação.” (FREIRE, 2019, p. 108).

A preocupação com a construção da admiração por si mesmos reflete o posicionamento assumido por nós enquanto professoras. Partimos da compreensão de que temos um compromisso com a formação integral dos estudantes e com o enfrentamento das opressões. bell hooks compreende o amor como uma ferramenta fundamental no combate a tais estruturas de dominação. A autora afirma:

O amor na sala de aula prepara docentes e estudantes para abrir a mente e o coração. É função sobre a qual toda comunidade de ensino pode ser criada. Professores e professoras não precisam temer que a prática do amor na sala de aula os leve ao favoritismo. O amor sempre nos moverá para longe da dominação em todas as suas formas. O amor sempre nos desafiará e nos transformará. É esse o cerne da questão. (Hooks, 2021, p.213)

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido



Compartilhamos da mesma perspectiva que hooks e Freire, pois enxergamos o amor como um elo de compromisso e dedicação com uma educação transformadora e revolucionária. Perante isso, a dinâmica que realizamos com a turma foi pautada em nosso olhar amoroso para os alunos.

Esse texto busca relatar a atividade realizada com a turma 32 do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAP-UERJ, no ano de 2025, tendo por objetivo não apenas narrar como desenvolvemos a dinâmica com os estudantes, mas também problematizar a forma como marcadores sociais de gênero e raça, além de outros, atravessam a construção da corporeidade nas infâncias.

METODOLOGIA

A atividade foi desenvolvida a partir de uma abordagem participativa, com caráter reflexivo e dialógico, inserida em uma perspectiva qualitativa de análise, uma vez que privilegiou a escuta, a interação e a construção coletiva de sentidos acerca da valorização da diversidade corporal.

A ação foi realizada com um grupo de 20 alunos com idades entre 8 e 9 anos. Para realizarmos a tarefa, fizemos a leitura do livro *Nosso corpo é demais!*, de Tyler Feder.

O livro problematiza padrões normativos de beleza e promove uma relação positiva com o corpo. Por meio de uma linguagem simples, poética e ritmada, associada a ilustrações expressivas produzidas pela própria autora, a obra apresenta às crianças leitoras uma celebração da diversidade corporal, destacando que todos os corpos são dignos de respeito, cuidado e valorização.

A narrativa é construída a partir de uma estrutura textual reiterativa e afirmativa, recurso frequentemente mobilizado na literatura destinada às primeiras infâncias. Cada página apresenta diferentes corpos em situações cotidianas, enfatizando suas singularidades e potencialidades. No plano das imagens, as ilustrações desempenham papel fundamental na constituição da mensagem da obra. A autora apresenta personagens com distintas características corporais: corpos altos, baixos, gordos, magros, com marcas, cicatrizes, negros,

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido



brancos, velhos, com próteses e/ou outras singularidades físicas. Essa escolha compõe um belo mosaico visual, que rompe com a homogeneidade presente nas representações infantis tradicionais. Essa pluralidade imagética amplia o repertório simbólico das crianças e contribui para a construção de imaginários mais inclusivos.

Para Gomes (2017), os processos educativos desempenham papel central na construção das percepções sociais sobre os corpos, particularmente no que se refere às marcas de diferença produzidas historicamente por relações de poder. A autora destaca que, em sociedades marcadas por hierarquias raciais e culturais, determinados corpos são frequentemente inferiorizados, invisibilizados ou submetidos a padrões normativos de aparência e comportamento.

O primeiro passo foi a apresentação da obra e sua leitura coletiva. Cada ilustração também foi apreciada. Iniciamos um momento de escuta sobre as primeiras impressões. Nesse momento, o foco foi conhecer o texto e as imagens. Em seguida, propusemos duas etapas.

Em um primeiro momento, os estudantes refletiram sobre suas características físicas, sobre suas aparências e escreveram em um papel duas características que mais gostavam em si mesmos. Algumas crianças solicitaram orientações, mas a maioria realizou a tarefa com facilidade e depois deveriam apresentar para toda a turma o que foi registrado. Após uma semana, pedimos que dessem continuidade ao registro, mas agora em duplas. Os estudantes precisaram escrever duas características físicas do corpo do outro que mais admiravam.

Tomamos o cuidado de orientar os agrupamentos, para garantir que todas as crianças estivessem contempladas e não experimentassem rejeição. Ao fim, as duplas apresentaram seus registros para a turma.

Essa atividade foi exposta em um mural na sala de aula. No final do ano letivo, em atividade realizada com as famílias dos estudantes, houve a apresentação da proposta realizada. Não foram necessárias adaptações significativas no planejamento inicial, sendo possível desenvolver a proposta conforme previsto e no tempo predeterminado.

RESULTADO E DISCUSSÃO

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido



Após a realização da atividade com a turma 32, percebemos uma grande animação e alegria nos estudantes ao relembrares o processo vivido. Conversas sobre as características físicas de que gostavam tornaram-se recorrentes nos dias que sucederam a tarefa realizada em sala. As crianças conversavam entre si sobre seus cabelos, bocas, sorrisos e outras partes de seus corpos com admiração e entusiasmo. Quando comparações eram feitas, estavam carregadas de respeito e reconhecimento, não se tratando de estabelecer “o que era mais bonito”, mas de perceber a beleza existente na pluralidade.

No planejamento da ação, não elaboramos uma aula expositiva que tratasse diretamente sobre a importância do respeito; ao contrário, conduzimos a discussão sobre a valorização das diferenças de maneira sensível e afetiva, pois os estudantes estavam falando de si mesmos e de seus colegas próximos.

Esse movimento permitiu que as crianças refletissem sobre seus próprios corpos e sobre os corpos dos outros a partir de uma perspectiva de reconhecimento, abrindo espaço para tensionar hierarquias corporais que, muitas vezes, já aparecem naturalizadas nas relações sociais desde a infância, como é o caso daquelas relacionadas à raça. Munanga (2004, p. 15) afirma que “o racismo no Brasil opera de forma difusa e, muitas vezes, velada, naturalizando desigualdades nas práticas sociais cotidianas”.

Nesse sentido, reafirmamos como as percepções sobre o corpo são atravessadas por diferentes marcadores sociais, como raça, gênero e outros, que se articulam nas interações cotidianas, configurando uma perspectiva interseccional. Essa leitura aproxima-se das formulações de Lélia Gonzalez, que evidencia a inseparabilidade entre racismo e sexismo na constituição das relações sociais brasileiras. (GONZALEZ, 1988)

A análise dessas interações torna-se ainda mais significativa quando mobilizamos também a contribuição teórica de Patricia Hill Collins, para quem as desigualdades sociais são produzidas no entrecruzamento de diferentes sistemas de poder. A autora afirma que racismo, sexismo e outras formas de opressão não atuam de forma isolada, mas se articulam em uma “matriz de dominação” que organiza as hierarquias sociais e molda as experiências dos sujeitos. (COLLINS, 2021)

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido



No contexto escolar, essa perspectiva permite compreender que as formas pelas quais os corpos infantis são percebidos e avaliados não são neutras, mas atravessadas por valores historicamente construídos que associam beleza, competência e legitimidade a determinados padrões corporais.

Assim, desde cedo, as crianças passam a reproduzir, ainda que de maneira muitas vezes inconsciente, classificações sociais que hierarquizam corpos e identidades. Nessa direção, o lugar que ocupam na sociedade não pode ser visto de maneira determinista, contudo influencia os modos de vivenciar a experiência e de ler o mundo, o que impacta diretamente as formas de ver e valorar o outro. (RIBEIRO, 2019)

Registramos que a maioria das crianças apontou os cabelos como sua parte preferida, tanto do próprio corpo quanto do corpo do outro. Todas as crianças negras com cabelos crespos fizeram essa escolha e os colegas que as observaram também destacaram a beleza de seus cabelos. Esse dado se revela particularmente expressivo quando compreendemos o cabelo como um dos marcadores étnico-raciais mais visíveis para a população negra.

A pesquisadora Nilma Lino Gomes (2008) destaca que o cabelo ocupa um lugar central nas experiências sociais e culturais das pessoas negras, pois se insere em um conjunto de práticas e discursos que historicamente atribuíram valor superior aos padrões estéticos eurocêntricos. Ela analisa como o cabelo crespo foi associado a ideias de desordem, feiura ou inadequação, enquanto os cabelos lisos foram tomados como referência de beleza e aceitação social. Essa interpretação pode ser aprofundada a partir de Gonzalez (1988), ao evidenciar como os padrões estéticos dominantes operam como dispositivos de hierarquização racial.

De acordo com Gomes (2008, p. 23), “o cabelo é um dos elementos mais visíveis do corpo e, por isso, torna-se um importante símbolo de identidade e pertencimento para a população negra”. Nesse sentido, a autora ainda enfatiza que o cabelo negro foi historicamente “transformado em um dos principais alvos de discriminação estética, funcionando como marcador de inferiorização social. Ao mesmo tempo, ele também pode ser ressignificado como símbolo de resistência, identidade e afirmação cultural” (GOMES, 2008, p. 45).

Essa visibilidade faz com que, desde muito cedo, crianças negras percebam as diferenças entre seus cabelos e os padrões estéticos socialmente valorizados. Quando essas

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido



diferenças são associadas a avaliações negativas, (re)produzem experiências de exclusão que impactam diretamente a construção da autoestima e do sentimento de pertencimento das crianças. Nesse sentido, Ribeiro (2019, p. 36) afirma que “reconhecer-se em sua própria identidade é um passo fundamental no processo de enfrentamento ao racismo”, destacando o caráter político da valorização estética.

Portanto, ao observarmos a forma como os estudantes passaram a destacar positivamente os cabelos crespos de colegas negros, percebemos um movimento pedagógico importante de ressignificação de um marcador corporal historicamente estigmatizado. Uma das crianças escreveu que gosta dos braços do colega porque com eles é possível abraçar; outra afirmou que os pés do amigo são uma parte valiosa do corpo porque ele joga futebol muito bem. Surgiram elogios aos sorrisos, aos cabelos e a outros aspectos corporais que aproximaram as crianças.

Destacamos que não houve nenhuma menção negativa. Esses registros indicam que, quando a escola cria espaços de escuta e valorização das diferenças, é possível tensionar padrões corporais hierarquizados e construir novas formas de reconhecimento entre os estudantes, em consonância com Munanga (2004), que defende uma educação comprometida com a transformação social.

Cabe lembrar que muitos dos comentários que nos levaram a pensar nessa atividade estavam relacionados aos corpos gordos de alguns alunos. Sendo assim, nosso intuito não era apenas evitar falas desagradáveis entre as crianças, mas enfrentar a gordofobia já presente nas infâncias. No caso desse grupo de estudantes, além do machismo observado na organização dos jogos de futebol, o racismo e a gordofobia figuravam entre os fenômenos mais recorrentes nas interações cotidianas. Essa sobreposição de opressões novamente mostra a articulação entre diferentes sistemas de dominação.

A análise dessas situações evidencia como diferentes formas de desigualdade se entrelaçam nas experiências escolares, reforçando a importância de compreendê-las a partir de uma abordagem interseccional que permita perceber como a raça e o gênero atuam conjuntamente na produção dessas hierarquias relacionadas aos padrões corporais.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido



Para bell hooks (2021), a autoestima de estudantes negros encontra-se constantemente ameaçada em uma sociedade estruturada pela supremacia branca. Diante dessa realidade, educadores possuem a possibilidade e a reponsabilidade de construir ambientes pedagógicos que afirmem a dignidade e o valor de cada sujeito. Criar um espaço amoroso em sala de aula significa reconhecer as singularidades dos estudantes e valorizar suas experiências, permitindo que se percebam como sujeitos dignos de respeito e reconhecimento.

Assim, ao propormos uma atividade de valorização estética com os estudantes, incentivamos um olhar de carinho e admiração para si mesmos, especialmente porque enfrentam constantes investidas sociais que buscam depreciar seus corpos e intelectos. Nossa proposta não se limitou a incentivar que as crianças gostassem do que veem no espelho, mas constituiu um gesto pedagógico de enfrentamento a uma sociedade que impõe padrões normativos de beleza e valor desde a infância — padrões profundamente atravessados por ideais racistas, sexistas e gordofóbicos.

Pensar a educação em perspectiva interseccional implica reconhecer que as identidades infantis são constituídas por múltiplas dimensões sociais que influenciam diretamente suas experiências no espaço escolar. Ao valorizar a diversidade de corpos, identidades e trajetórias, a escola pode contribuir para a construção de relações mais justas e inclusivas, capazes de enfrentar simultaneamente as diferentes formas de desigualdade que atravessam a vida social.

CONCLUSÕES

A experiência pedagógica relatada evidencia como o cotidiano escolar constitui um espaço privilegiado para a problematização das formas pelas quais os marcadores sociais da diferença atravessam a construção das identidades infantis. As interações observadas entre os estudantes demonstraram que discursos discriminatórios relacionados ao corpo, ao gênero e à raça já se manifestam nas primeiras etapas da escolarização, revelando a presença precoce de valores e hierarquias socialmente produzidas. Nesse sentido, a prática educativa não pode limitar-se à transmissão de conteúdos formais, devendo assumir o compromisso de enfrentar criticamente tais desigualdades e promover processos formativos que valorizem a dignidade e a pluralidade humana.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS



Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



A atividade desenvolvida com a turma evidenciou que práticas pedagógicas fundamentadas no diálogo, na escuta sensível e na amorosidade podem contribuir significativamente para a ressignificação das percepções que as crianças constroem sobre si mesmas e sobre os outros.

Ao mobilizar a literatura infantil como recurso mediador e ao incentivar que os estudantes reconhecessem qualidades em seus próprios corpos e nos corpos dos colegas, a proposta criou condições para a emergência de novas formas de interação, baseadas no respeito, na admiração e no reconhecimento da diversidade. Esse movimento demonstra o potencial da literatura e das práticas dialógicas para ampliar o repertório simbólico das crianças e favorecer a construção de relações mais solidárias no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2021.
- FEDER, Tyler. **Nosso corpo é demais**. São Paulo, Melhoramentos, 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. Paz & Terra, Rio de Janeiro, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2019.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, Vozes, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antonio Machado da (org.). **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. Brasília: ANPOCS, 1988.
- HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. Elefante, São Paulo, 2021.

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.